

REFLEXÕES SOBRE AS FORMAS DE ENSINAR EM TURMAS DA EJA: experiências no ensino de Biologia em uma escola do campo

FABRICIO JUNQUEIRA ROCHA
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

KAMILA SANTOS BARROS
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

CRISTIANE SANTANA SOARES
Colégio Estadual do Campo Pedro Atanásio Garcia (CECPAG)

JAQUELINE DOS SANTOS CARDOSO
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo

Este trabalho objetiva relatar as experiências fruto das ações do Programa Residência Pedagógica, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, no ensino de Biologia em turmas da Educação de Jovens e Adultos, em uma escola do campo no município de Caetité-Ba. Ao longo das aulas na escola-campo, observou-se a necessidade de repensar os modos de ensinar os conteúdos aos estudantes, a fim de garantir uma aprendizagem mais significativa e um ensino adequado ao perfil de estudantes da EJA. Foram várias metodologias utilizadas, mas este trabalho foca em descrever apenas duas. A primeira é nomeada como “Estrada de Pedras e Árvore dos Sonhos” e a segunda foi intitulada como “Senhor Esqueleto Estilista”. A partir da imersão nas turmas, ficou evidente que o público da EJA apresenta características particulares, que exigem do professor uma atenção maior, planejamentos mais contextualizados conformação a múltiplas realidades. Por se tratar de estudantes do meio rural, há também a necessidade de pensar os conteúdos conforme seus contextos, e não inspirados nas lógicas das escolas urbanas.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Residência pedagógica. Conhecimentos prévios.

Abstract

The aim of this paper is to report on the experiences of the Pedagogical Residency Program of the State University of Bahia (UNEB), Campus VI, in teaching Biology in Youth and Adult Education classes in a rural school in the municipality of Caetité-Ba. During the classes at the field school, the need to rethink the ways of teaching the content to the students was observed. With this, it was proposed to work with new methodologies in the teaching of Biology, in order to guarantee more meaningful and real learning for the EJA students. Several methodologies were used, but this paper focuses on describing just two. The first is called "Road of Stones and Tree of Dreams"; and the second is called "Mr. Stylist Skeleton". After immersing myself in the classes, it became clear that the EJA audience is different. They need more attention, planning that is more contextualized and adapted to their reality. As they are rural students, there is also a need to think about the content according to their contexts, and not inspired by the logic of urban schools.

Keywords: Active Methodologies. Teaching residency. Prior knowledge.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação que atende estudantes que não tiveram acesso à educação formal no tempo adequado (Brasil, 1996). Nesta

realidade estão os sujeitos pertencentes a classe popular e trabalhadora, formal ou informal, homens e mulheres de diferentes faixas etárias que pertencem aos grupos marginalizados da sociedade (Reis; Eiterer, 2023).

Apesar de suas origens ainda no período colonial, com a catequização dos índios adultos, a Educação de Jovens e Adultos só foi regulamentada a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. No artigo quarto, inciso VII desta lei, é evidente o direito das pessoas jovens, adultas e idosas à educação; não só isso, mas que sejam pensadas alternativas para atender as especificidades desse grupo, a fim de garantir seu acesso e permanência na escola (Brasil, 1996).

Os estudantes da EJA sempre foram invisibilizados, tanto nas legislações como no próprio currículo das escolas. Este documento tão importante para nortear o ensino acaba sendo organizado fora da realidade dos educandos. Ao contrário do que se almeja, o currículo acaba sendo homogêneo, unilateral e não atende as demandas desses sujeitos (Oliveira; Neves, 2017).

Muitos são os desafios enfrentados pelos estudantes da EJA. Essas pessoas são vistas como incapazes de aprender; por isso, o planejamento das aulas muitas vezes acaba partindo de uma visão muito subestimada e infantilizada, não permitindo explorar as habilidades que os sujeitos dessa modalidade têm a oferecer (Oliveira; Neves, 2017; Simões; Rocha, 2023).

Nas escolas do campo, o público da EJA apresenta especificidades, como seus modos de viver, de expressão cultural e busca por sustento. Nessas escolas, encontram-se alunos que precisam conciliar o trabalho com a escola, muitos trabalham o dia todo no campo, alguns se deslocam do campo para a cidade, outros casos onde trabalham em condições péssimas, junto a isto, enfrentam o cansaço no final do dia, o que contribui para a acentuação das dificuldades de aprendizagem. Com isso, há a necessidade das escolas no meio rural fugir dos currículos condensados, focados na educação bancária, tecnicistas e capitalistas, distante da realidade dos sujeitos que residem no campo (Caldart, 2009; Silva; Oliveira; Reis, 2017).

Independente de estar ou não no campo, as escolas precisam pensar em uma educação para os jovens, adultos e idosos que promovam uma aprendizagem ao longo da vida e que estejam relacionadas com sua vida real (Caldart, 2009; Caldart, 2004) Nota-se a necessidade de novas práticas para tornar as aulas da EJA mais atrativas e empolgantes, para que os estudantes sintam prazer em ir para escola, e encontre significados concretos nos conteúdos aprendidos nesse espaço.

Mediante o exposto, através de intervenções proporcionadas graças a inserção como bolsista do Programa Residência Pedagógica (RP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, propôs-se em trabalhar com metodologias ativas no ensino de Biologia em uma escola do campo no município de Caetité-Ba, a fim de garantir uma aprendizagem mais significativa e adequada para os estudantes da EJA.

Percurso metodológico

As experiências aqui relatadas são frutos da atuação enquanto bolsista do Programa Residência Pedagógica (RP). O Programa Residência Pedagógica é uma ação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa incentivar e complementar a formação inicial de graduando dos cursos de licenciatura (CAPES, 2018). Na UNEB, o RP tem contribuído para formação de futuros docentes para atuar nas escolas do Semiárido, oferecendo bolsas e vagas voluntárias para os discentes.

O programa se constrói sob três fases, a citar: ambientação na escola-campo; observações das turmas junto à professora regente-preceptora; e a regência. Este trabalho objetiva em descrever as percepções e prática nesta última fase, que ocorreu durante o ano de 2023.

As intervenções do RP ocorreram no Colégio Estadual do Campo Pedro Atanásio Garcia (CECPAG), situado em Maniaçu, um dos distritos do município de Caetité-Ba. Esta instituição recebe grande porcentagem de estudantes advindos do meio rural, tanto no ensino regular, como no EJA. Ademais, o CECPAG é um espaço onde circula grande carga cultural e saberes dos sujeitos que ali ambientam. A escola tem buscado trabalhar seguindo as bases do currículo da educação do campo, portanto, procura abranger significativamente a valorização da cultura local, dando ênfase aos saberes tradicionais e quilombolas do distrito e das comunidades do entorno.

A referida instituição atende tanto o Ensino Médio como o Ensino de Jovens e Adultos. As turmas foco do RP foram as turmas da EJA. Na escola-campo essas turmas se caracterizam por acolher estudantes em sua maioria de origem do meio rural. São homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras que vão à escola em busca de conhecimento, com a promessa de um futuro melhor. Nas turmas, é comum encontrar muitas mulheres mães e casais (esposo e esposa).

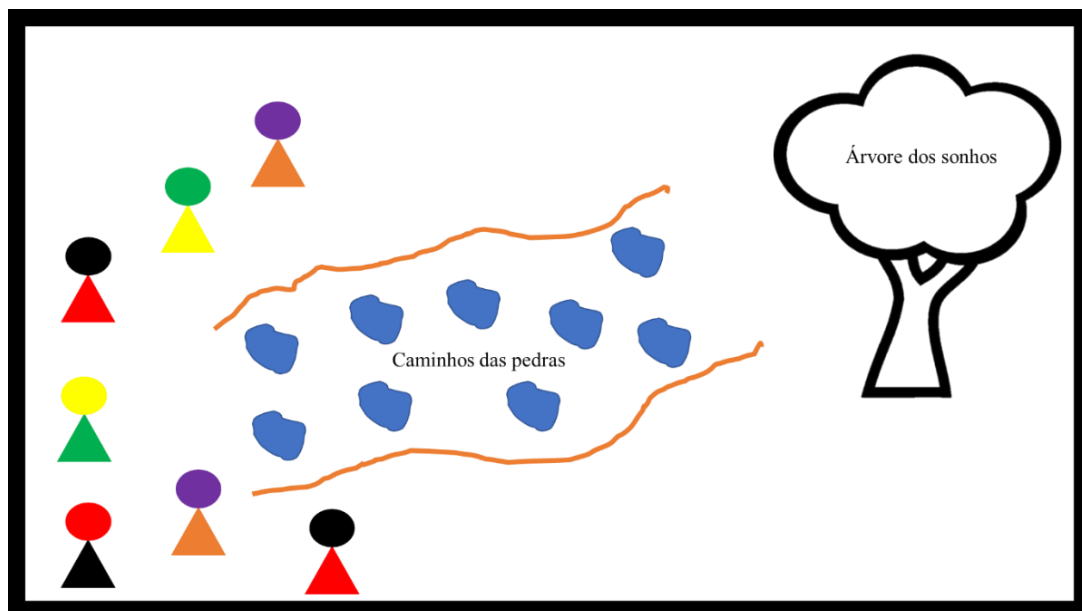
Diante desse cenário, fica evidente que o maior desafio em turmas da EJA é pensar em estratégias de ensino que atendam as demandas dos estudantes; não apenas mecanismos que

supram a necessidade de um atraso educacional, mas que sejam capazes de estender ao longo de toda vida dos educandos, por isso que se optou por usar metodologias ativas para o ensino nessas turmas.

As metodologias ativas têm o estudante como protagonista do ensino e aprendizagem, baseia-se em estratégias de ensino que visam instigar a aprendizagem por parte dos estudantes, fazendo-os sentirem prazer pela busca da aprendizagem, de forma autônoma e participativa.

Ao longo da atuação como regente, foi possível utilizar de várias metodologias, no entanto, este trabalho se limitou a descrever somente duas que apresentaram resultados mais significativos. A primeira, foi inspirada em uma dinâmica proposta por Queiroz *et al.* (2020) e Rocha, Junqueira e Jezler (2022), nomeada como “Estrada de Pedras e Árvore dos Sonhos” (Figura 1). A segunda foi intitulada pelos estudantes como “Senhor Esqueleto Estilista”.

Figura 1 – Design da dinâmica “Estrada de Pedras e Árvore dos Sonhos”



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Na montagem da dinâmica da estrada e da árvore utilizou-se de papelão para confecção das árvores e as pedras fictícias, notas adesivas (*post-it*) e fita adesiva. Já na dinâmica do esqueleto, utilizou-se somente do esqueleto do Laboratório de Biologia da escola-campo e algumas peças de roupas.

Ambas as dinâmicas foram executadas no início das aulas, antes de começar a explicação do conteúdo teórico. Do mesmo modo, os cenários eram montados antes dos estudantes chegarem na sala de aula.

Conhecimentos prévios e perspectivas dos estudantes da EJA acerca dos conteúdos

A prática educacional significativa exige que os conteúdos sejam trabalhados conforme a realidade, interesse e habilidades dos educandos. Caldart (2009) nos mostra que o ensino baseado na educação bancária e tradicional não atende mais a demanda desses sujeitos. Para que seja atrativo, o ensino precisa se adequar à realidade daqueles que o procura, interagir com seu meio, como seus modos de viver e existir na sua localidade e no mundo.

Para se conhecer o contexto dos estudantes, um dos meios eficazes é de trabalhar com seus conhecimentos prévios (Ausubel; Novak; Hanesian, 1980), os quais são adquiridos ao longo da vida. No caso das turmas da EJA, isto se torna ainda mais eficaz, visto que seu público são pessoas que apresentam uma grande carga de conhecimentos próprios, que na maioria das vezes podem ser aplicados junto a explicação dos conteúdos em sala de aula.

As ações realizadas nas turmas da EJA eram pensadas considerando os conhecimentos prévios dos estudantes. Sempre era feito um estudo acerca da realidade das turmas antes de preparar a aula. Este momento se dava durante a etapa de observação. Outra estratégia utilizada para adentrar na realidade dos discentes foi o uso de diálogos ou outro tipo de interação, seja através de dinâmicas ou de conversas formais e informais, que aconteciam ora dentro sala de aula ora em outros momentos e espaços da escola, como no recreio e na fila da chegada.

Ao conversar com os estudantes das turmas da EJA era possível conhecer um pouco da dinâmica de suas vidas. Conseguia-se descobrir sobre suas profissões, relações familiares, seus gostos e medos, assim como sua rotina desde o amanhecer até os momentos das aulas. A grande maioria considerava que seu dia só começava após um turno cansativo de trabalho, ao chegar na escola, portanto, para essas pessoas, seu amanhecer começa a noite (Junior, 2007).

O ensino na EJA precisa ser pensado de modo a atender as expectativas dos educandos quanto à escola. Na maioria dos casos esses estudantes procuram a escola como uma forma de concluir o ciclo de formação da educação básica, deste modo, a escola precisa garantir que sua experiência seja prazerosa, a fim de mantê-los nesse espaço, evitando a elevação dos índices de desistência e evasão. Um dos caminhos para evitar tal cenário seria trabalhar relacionando os saberes dos estudantes com os da escola (Reis, Eiterer, 2023).

Muitos estudantes reclamaram das aulas. Alegavam que já estavam cansados na escola, e ainda tinham que ficar sentados ouvindo os professores explicando conteúdos extremamente teóricos. A maioria relata que as aulas de Biologia eram uma das mais significativas, pois a

professora não trabalhava só o conteúdo específico do livro didático, mas fazia atividades interativas, o que deixava suas aulas mais extrovertidas e animadas. Os discentes da EJA não gostam de aulas monótonas, gostam de algo que desperte curiosidade, reflexões (Silva; Oliveira, 2017) e gere movimento físico.

Trabalhar com a EJA exige a compreensão de que os sujeitos que habitam são pessoas que estão cansadas, que passaram o dia no trabalho, cuidando das tarefas domésticas, filhos, e no caso das escolas do campo, pessoas que trabalharam no campo. Assim, as aulas precisam ser pensadas de modo a fazer com que esses sujeitos aprendam e participem dentro de suas condições, assim sendo, a aula tradicional, onde o professor só fala, não se aplica neste caso. É necessário fazer com que os estudantes se movimentam, conversem entre si, que dialoguem para “enganar” o cansaço.

Durante as observações no Residência Pedagógica, foi possível notar que de fato os estudantes da EJA gostavam mais das atividades lúdicas e que estavam ligadas às suas vivências, assim, ao preparar as aulas, partíamos do pressuposto da necessidade de atender essas demandas, procurando sempre novas metodologias, que iam contra o ensino maçante e tradicional.

Mediante a situação exposta, pensou-se em muitas atividades para trabalhar os conteúdos necessários das turmas da EJA, no entanto, as que mais tiveram aceitação por parte dos estudantes foi a dinâmica “Estrada de Pedras e Árvore dos Sonhos” e outra ação onde foi feita uma imersão a um tema utilizando recursos cobiçados pelos próprios alunos em aulas anteriores, como o esqueleto do laboratório. Esta atividade foi intitulada pelos educandos como “Senhor Esqueleto Estilista”.

Reflexões sobre a Dinâmica “Estrada de Pedras e Árvore dos Sonhos”

Essa atividade foi inspirada em uma dinâmica intitulada “Árvore da Vida”, proposta por Bárbara Oliveira de Queiroz e seus colaboradores no ano de 2020. Posteriormente, encontramos a mesma dinâmica numa versão melhorada e mais lúdica sendo reaplicada por Ronald Assis Fonseca, no ano de 2021, em plena pandemia.

Antes de colocar a dinâmica em ação na turma já se tinha feito seu uso em outras ocasiões com públicos diferentes, onde os resultados foram muito positivos. No ano de 2022, foi possível utilizar essa mesma atividade para trabalhar Educação Ambiental com um grupo da terceira idade (Rocha; Junqueira; Jezler, 2022). Após isso, percebeu-se a real eficácia da

ação, despertando interesses para aplicar com outros públicos, que neste caso foi o público da EJA.

Esta dinâmica pode ser aplicada em vários contextos, cujo fim comum é instigar os participantes sobre situações do presente, e pensar em estratégias futuras (Rocha, Junqueira, Jezler, 2022). Na turma da EJA o objetivo foi de trabalhar como alimentação saudável, assim sendo, questionou-se aos estudantes: Quais hábitos alimentares vocês acham errado e que precisam mudar? Como mudar esses hábitos no futuro?

As respostas da primeira pergunta foram postas nas pedras, enquanto que as respostas da segunda pergunta foram postas na árvore. Ambas foram escritas em notas adesivas pelos estudantes (Figura 2). Em seguida, a professora regente auxiliou na leitura das respostas postas.

Figura 2 – Dinâmica Estrada de Pedras e Árvore dos Sonhos para introduzir sobre Alimentação Saudável



Fonte: Autores (2022)

Ao serem instigados a responder as perguntas, os estudantes demonstraram entusiasmo em participar da dinâmica. Isto foi importante para garantir o diálogo nas turmas EJA, considerando que na maioria das turmas notou-se os discentes muito distantes entre si, ou em grupos menores, com pouca interação.

No momento de compartilhamento das respostas, foi possível fazer com que cada um(a) opinasse sobre as respostas do colega. Teve casos de pessoas que colocaram a necessidade de deixar de comer frituras e industrializados, neste momento, outras sugeriram alternativas para isto.

Ao longo da dinâmica, de modo inesperado, foi possível também conhecer os hábitos alimentares específicos da região onde os estudantes residem, assim como seu modo de produção: plantio, manejo e preparo. Assim sendo, foi possível concluir que os hábitos alimentares contam uma história de um povo, bem como explana seus modos culturais e de convívio com o meio ambiente.

A ludicidade e aproximação dos interesses dos discentes: reflexões sobre a dinâmica “Senhor Esqueleto Estilista”

Essa dinâmica, ao contrário da anterior, faz parte de um plano de aula mais contextualizado, ou seja, que foi pensado de maneira integrada, e não apenas uma ação pontual e inacabada. Vale salientar que durante os estudos na literatura não foi encontrado nenhuma ação que chegasse próxima a essa.

O esqueleto foi utilizado desde a aula introdutória sobre a temática trabalhada, seguindo para a segunda aula e voltando a aparecer na última aula da unidade. Tudo foi planejado dentro de um contexto, de um significado para justificar a presença deste elemento nas aulas.

O primeiro ponto que justifica o uso do objeto nas aulas foi o fato dos alunos gostarem de brincarem com o esqueleto, assim, apenas customizamos a peça. O segundo ponto é que por se tratar de aulas sobre Moda, era ideal fazer algo que fosse lúdico e que levassem os estudantes a emergirem na temática. As aulas de Biologia aconteciam em sua maioria no laboratório da escola, assim, os estudantes tinham certo apego com o esqueleto. Foi pensando nesta proximidade que a atividade surgiu.

Ao chegarem na sala e verem o esqueleto todo vestido roupas, os estudantes ficaram surpresos e empolgados (Figura 3). Foi o maior alvoroço, os estudantes querendo tirar fotos, chamaram os amigos de outras turmas para observar. Nesses momentos foi possível perceber que a ação estava começando cumprir com seu objetivo,

Figura 3 – Aula introdutória sobre Moda e Sustentabilidade, dinâmica do “Senhor Esqueleto Estilista”



Fonte: Autores (2023)

Graças a montagem do cenário, antes da aula começar, os alunos já sabiam qual era a temática. Os estudantes receberam um pedaço de papel onde todos deveriam responder a seguinte pergunta: *Para você, o que o ato de usar roupa simboliza?* Depois de responder, deveriam guardar no bolso da camisa do esqueleto e só pegar novamente na última aula da unidade. A intenção desta parte era levar os alunos a analisarem sua visão sobre moda no início e no final da unidade.

Essas anotações realizadas pelos estudantes foram fundamentais para planejar as aulas seguintes (Quadro 1), além de ajudar a pontuar temas mais importantes a serem trabalhados na sala de aula.

Quadro 1 - PARA VOCÊ, O QUE O ATO DE USAR ROUPA SIMBOLIZA?	
Estudante	Respostas
E1	<i>“Formas de demonstrar sentimento.”</i>
E2	<i>“O perfil da pessoa.”</i>
E3	<i>“Para mim nada, porque a roupa não diz quem a pessoa é, e nem o caráter.”</i>
E4	<i>“Simboliza que a pessoa pode usar o que quiser, seguindo a moda.”</i>
E5	<i>“Privacidade.”</i>
E6	<i>“Tem pessoas que usam para expressa o que elas são, mas eu não vejo dessa forma.”</i>

E7	<i>“Um estilo de vida”.</i>
E8	<i>“Para mim não.”</i>
E9	<i>“Simboliza como a pessoa está se sentindo e seu estilo de como se vestir.”</i>
E10	<i>“Para mim não significa muita coisa, pois a maioria das pessoas usam roupas conforme o gosto delas.”</i>
E11	<i>“Simboliza a forma que você gosta de vestir. O seu estilo.”</i>
E12	<i>“Simboliza a forma que você está bem e confortável.”</i>
E13	<i>“Um momento.”</i>
E14	<i>“Simboliza o caráter da pessoa.”</i>
E15	<i>“Para mim tanto faz se a pessoa se vestir bem.”</i>
E16	<i>“Uma ocasião.”</i>
E17	<i>“Simboliza a respeito da pessoa com o estilo de se vestir bem ou não.”</i>

Fonte: Autores (2023)

Ao analisar as respostas, percebeu-se que os estudantes veem o ato de usar roupas como formas da pessoa se expressar, de mostrar seu jeito de ser atrelado a isto, outros caracteriza as roupas como formas do indivíduo expressar sua identidade, seja ela cultural, artística e/ou religiosa (Bortoletti; Barticelli, 2022). Para alguns estudantes a moda não significa absolutamente nada, enquanto que outros consideram como “um momento” (E13) ou “uma ocasião” (E16).

De todas as respostas, a que mais chamou atenção foi a do estudante 5 (E5), que definiu a moda como “privacidade”. Esta resposta deixou muitas interrogações em nossas mentes, porque não se sabe de que tipo de privacidade essa pessoa se referiu. Tal indagação aumenta quando paramos para analisar o histórico da moda na nossa sociedade, que de fato remete a privacidade, a restrições e separações de grupo. Até nos dias contemporâneos ainda se tem a moda como estereotipação e segregação de grupos (Lipovetsky, 2009; Santos, 2019).

Em síntese, foi possível perceber que ao fim de toda essa dinâmica, os estudantes estavam mais tranquilos nas aulas, eles conseguiram interagir com os demais colegas, e com o esqueleto, que deixou um ambiente mais tranquilo, simpaticamente e extrovertido, além de relacionar com a temática. As aulas da EJA necessitam ser basicamente dessa forma, precisam carregar leveza, fazer os alunos participarem, opinarem. É necessário movimento, interação e sempre manter os objetivos das aulas, sem distorcer a mensagem central de determinados conteúdos, mas sim mudando a forma de trabalhá-lo.

Considerações finais

A partir das experiências e vivências em turmas da EJA ficou evidente que o público desta modalidade precisa de uma atenção maior as suas especificidades, de planejamentos mais

contextualizados e adequo a sua realidade. Por se tratar de estudantes do meio rural, há também a necessidade de pensar os conteúdos conforme seus contextos, e não inspirados nas lógicas das escolas urbanas.

Durante as observações e regência, foi possível constatar que apesar de haver um livro usado nas turmas da EJA, seus conteúdos necessitavam de ser contextualizado para atender as necessidades dos educandos, assim, foram feitas mudanças na forma de explicar, focando nas ideias centrais dos conteúdos e sempre articulando com a vida cotidiana dos estudantes: família, trabalho e lazer.

A Biologia é uma área que nos permite trabalhar com uma gama de possibilidades, afinal, seus conteúdos exigem uma extrapolação para além da teoria. Assim sendo, com essas atividades foi possível explorar várias formas de levar conhecimentos aos estudantes da EJA. Noutras palavras, isso nos permitiu fazer com que os alunos se sentissem donos e protagonistas do seu ensino e aprendizagem.

A dinâmica “Senhor Esqueleto Estilista” teve uma excelente aceitação dos estudantes. Com essa atividade foi possível despertar o interesse dos alunos em continuar focados nas aulas. A turma tinha uma representação, e as aulas de Biologia também: “Vamos para a aula do esqueleto”. Esta fala de um dos estudantes demonstra que as aulas pensadas nesse design o instigaram a voltar nas próximas semanas, para continuar o estudo sobre o conteúdo, nesse caso sobre “Moda e Sustentabilidade”.

3248

Por fim, todas essas aulas de Biologia em turmas da Educação de Jovens e Adultos nos permitiu atender muitas demandas dos estudantes na expectativa de se promover ou chegar próximo de uma aprendizagem significativa. Nas aulas sobre Moda e Sustentabilidade conseguiu-se trabalhar outros temas transversais, como: direitos trabalhistas, inclusão e diversidade, além dos conteúdos específicos da Biologia, a citar: evolução, poluição e impactos ambientais.

Referências

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma Perspectiva Cognitiva**. 1ª Ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BORTOLETT, L. Z.; BARTICELLI, I. A. **Semioses identitárias**: retratos da moda no espaço escolar. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.38, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469825949>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/WzhWfdM3QkxFHXpXYDbm83c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996.

BRASIL. **Portaria GAB nº 38, de 28 de fevereiro de 2018**. Institui o Programa de Residência Pedagógica. 2018.

CALDART, R. S. **EDUCAÇÃO DO CAMPO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DE PERCURSO**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CALDART, R. S. ELEMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLITICO E PEDAGOGICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. (org). **Por uma Educação do Campo**, 2004.

JÚNIOR, A. C. A. MEU AMANHECER VAI SER DE NOITE: **A busca por uma formação inicial de professores de biologia para a Educação de Jovens e Adultos**. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência, Brasília, 2017.

LIPOVETSKY, G. **O IMPÉRIO DO EFÊMERO: A Moda E Seu Destino Nas Sociedades Modernas**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, K. P.; NEVES, S. C. **A formação docente inicial e o lugar da EJA nos cursos de Licenciatura Dos Campi VI e XII da Universidade Do Estado Da Bahia**. Monografia. Guanambi/BA, 2017.

QUEIROZ, B. O. et al. A árvore da vida como instrumento de Educação Ambiental. In: FONSECA, R. A.; LIMA, K. F. **Reflexões e práticas sobre educação ambiental**. Pimenta Cultural, 2020. DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.205.

REIS, S. M. A. O.; EITERER, C. L. **As Práticas Educativas de Regulação e Emancipação na EJA**. Educação & Realidade: Porto Alegre, v. 48, e117867, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236117867vs01>.

ROCHA, F. J.; JUNQUEIRA, F. D.; JEZLER, C. N. UTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO CONSTRUTORA DE VALORES E (RE)SIGNIFICÂNCIAS NA CONCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE COM PESSOAS DA TERCEIRA IDADE. **Revista Velho Chico**, Bom Jesus da Lapa (BA), v. 02, n. 01, p. 09-14, Dez/2022.

SANTOS, E. S. **A MODA COMO DISPOSITIVO DE SEGREGAÇÃO SOCIAL EM A FILHA DAS FLORES, DE VANESSA DA MATA**. 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564972662_ARQUIVO_ARTIGOCOMP LETORECIFE.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

SILVA, C. A.; OLIVEIRA, D. S.; REIS, S. M. A. O. CURRÍCULO: a teia dos arranjos sociais na educação de jovens e adultos. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 7, n° 3, p. 197-222, Set/Dez 2017.

SIMÕES, M. S.; ROCHA, E. A. A importância das estratégias didáticas no ensino-aprendizagem de Ciências na Educação de Jovens e Adultos e na Educação do Campo. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, Tocantinópolis/Brasil, v.8, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e14693>.

Identificação do(s) autor(es)

Autor 1:



Nome: Fabricio Junqueira Rocha

Resumo: Poeta amador. Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetité-Ba.

Email: fabricio201924@Outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5851026522439365>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1859-0928>

Fato do rosto:

Autor 2:



Nome: Kamila Santos Barros

Resumo: Professora Assistente vinculada ao Colegiado de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, e Coordenadora do Subprojeto Formação de professores de Ciências e Biologia no semiárido, associado ao Programa Residência Pedagógica da Capes.

Email: ksbarros@uneb.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5150069723053259>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6875-5620>

Fato do rosto:

Autor 3:



Nome: Cristiane Santana Soares

Resumo: Professora da Educação básica no Colégio Estadual do Campo Pedro Atanásio Garcia, no distrito de Maniaçu- Caetité. Graduada em Ciências Biológica pela Universidade Estadual da Bahia-UNEB, Campus VI, Bolsista Preceptora do Residência Pedagógica.

Email: soldcrys@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8903700781403390>

Fato do rosto:

Autor 4:



Nome: Jaqueline dos Santos Cardoso

Resumo: Professora Titular vinculada ao Colegiado de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e ao Programa de Pós Graduação em Ensino Linguagem e Sociedade - PPGELS (Campus VI), e Coordenadora do Subprojeto Formação de professores de Ciências e Biologia no semiárido, associado ao Programa Residência Pedagógica da Capes.

Email: jaquelinecardoso2001@yahoo.com.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5877008264859210>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4665-4064>

Fato do rosto: